

FAVELAS

É curioso observar a evolução do significado da palavra "favela". Segundo LAUDILINO FREIRE, designa um arbusto da caatinga baiana *Enterolobium ellipticum*, que deu nome a um morro que se tornou célebre na campanha de Canudos em 1897. Os barracões construídos no morro da Providência, perto da Estrada de Ferro Central do Brasil, para abrigar os soldados que voltaram ao rio depois da campanha, chamados "favelas" pelo povo, foram, depois de seu retorno aos quartéis, vendidos e alugados à população pobre da cidade, passando o morro a se chamar-se Favela, tal como o seu homônimo baiano. Em seu livro *Habitações Populares* publicado pela Imprensa Nacional em 1906 o então engenheiro da Prefeitura EVERARDO BACKHEUSER, chama a atenção para o problema surgido — a procura desse morro pela população da cidade, que o buscava em virtude de demolições de casas e abertura de ruas realizadas com o fim de zelar pela higienização e embelezamento da mesma. O problema é, pois, antigo e o nome favela, tornado substantivo comum, é encontrado nos dicionários como "conjunto de habitações populares tóscamente construídas e desprovidas de recursos higiênicos".

Desenvolvida entre planícies e apertada entre morros, a cidade cresceu ocupando aquelas e fugindo a essas; o morro foi deixado de lado enquanto a habitação não constituiu problema que alarmasse o carioca. Chegou, porém, o momento em que parte da população da cidade foi obrigada a se amontoar em hotéis, pensões e casas de cômodos, enquanto outra parte, a menos favorecida, passou a subir os morros, nêles estabelecendo agrupamentos de casas a que denominamos favelas. Esses casebres que abrigam os elementos mais pobres da população da cidade, não se restringem mais, entretanto, aos morros da Mangueira, da Providência, do Cantagalo, mas, zonas planas, abandonadas ou ainda desocupadas, vêm repentinamente aparecer e como que se multiplicar, as favelas, tanto mais numerosas quanto maior a facilidade de transportes. Nos morros nota-se maior concentração nas partes mais baixas, rareando as construções à medida que se vai subindo.

As favelas surgem ocupando terrenos "de ninguém", da Prefeitura ou da União e, muitas vezes, em terrenos alugados. Há casos de grandes áreas pertencentes a particulares serem divididas e alugadas. Cada parte é novamente dividida e alugada a terceiros que após nova divisão começam a construir os "barracos" para alugar, cobrando por êles entre Cr\$ 50,00 e Cr\$ 500,00 mensais. Aproveitando restos de prédios demolidos, os "construtores" erguem-nos da noite para o dia, conseguindo muitas vezes vendê-los aos incautos, por preços que variam entre C\$ 2.000,00 e Cr\$ 10.000,00. Outras vezes é o próprio dono o construtor do "barraco" em que mora, e que êle procura melhorar e aumentar na medida das possibilidades.

Os barracos são, de modo geral, construídos de tábuas de caixotes e pedaços de lata, havendo-os, também de sopapo; a cobertura de fôlhas de zinco ou, ainda, de lata, é protegida por grandes pedras que a impedem de voar quando o vento é forte. Sobre o chão de terra é usualmente colocado um estrado de ripas de madeira que isola a cama ou o que lhe faz as vezes, entre os menos favorecidos. Uma porta e uma janela arejam e permitem o acesso ao barraco que parece, por vezes, enterrado no chão, sendo necessário vergar-se um pouco a cabeça para nêle penetrar. No mesmo cômodo que serve de quarto, em geral escuro devido à fumaça, há num canto uma pequena mesa sobre a qual é colocado o fogareiro de carvão. Pendurados à parede ou em pequenas prateleiras, ficam os utensílios de cozinha, misturados com résteas de cebola, retratos e imagens de santos.

Um ou outro barraco possui duas peças — sala e quarto, vendo-se de vez em quando um mais bem arranjado, tendo armário de roupas, mesa e até rádio. São, porém, desprovidos das menores exigências de conforto e higiene, não possuindo água, (a não ser a da chuva que entra pelas frestas), nem sistema de esgoto. Os barracos amontoam-se uns ao lado dos outros deixando entre si espaços exíguos que constituem ruas, nas quais existem, de modo geral, vala onde é jogada a água, restos dos despejos caseiros e onde pululam mosquitos.

A água é um problema sério para o favelado. Quando existem bicas, a população faz filas para encher as latas e levá-las para casa. Às vezes, um poço ou uma "mina", nas favelas situadas em morros, torna-o menos premente.

A luz é também obtida de maneira interessante; certos indivíduos conseguem para si instalação elétrica; estabelecem, porém, uma cabine para redistribuição de força a 200 ou 300 casas cobrando uma quota pelo "benefício prestado". Acontece, porém, que, em virtude da instalação deficiente, há sempre necessidade de consertos, sendo obrigados a contribuir para os mesmos os "beneficiados".

As favelas possuem uma vida inteiramente à parte do resto da cidade. A luz e a água são, como vimos, obtidas de maneira sui-generis. Elas possuem até mesmo casas de negócio, as "biroskas", espécie de armazéns que vendem sem pagar impostos, açougues, casas de ferragem e até consultórios médicos.

Algumas vezes os habitantes promovem bailes, cuja entrada é cobrada mesmo às mulheres, com o fim de financiar escolas e postos de assistência social dirigidos por êles próprios e que servem a interesses de terceiros.

E é nessas condições que vivem, segundo as estatísticas, 280 000 habitantes da cidade do Rio de Janeiro, sendo metade desta cifra constituída por crianças que, em geral, não frequentam escolas nem possuem registro civil. Cada um daqueles barracos abriga famílias compostas de duas a onze pessoas, gente humilde e sem ambição, vivendo inteiramente à margem da sociedade.

ELOÍSA DE CARVALHO.

